

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

VINÍCIUS MACIEL DA CUNHA

Morte, Memória, Esquecimento e Inteligência Artificial:
novas perspectivas sobre a morte a partir da experiência de criação e reprodução
digital da sul-coreana Na-Yeon

Porto Alegre
2021

VINÍCIUS MACIEL DA CUNHA

Morte, Memória, Esquecimento e Inteligência Artificial:

novas perspectivas sobre a morte a partir da experiência de criação e reprodução digital da sul-coreana Na-Yeon

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Caroline Silveira Bauer

Porto Alegre

2021

VINÍCIUS MACIEL DA CUNHA

Morte, Memória, Esquecimento e Inteligência Artificial:

novas perspectivas sobre a morte a partir da experiência de criação e reprodução digital da sul-coreana Na-Yeon

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Caroline Silveira Bauer

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Caroline Silveira Bauer - Orientadora (UFRGS)

Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi

Dra. Mariluci Vargas

Porto Alegre

2021

Em mem3ria de meu pai, M3rio Lu3s Rosa
da Cunha. Eterno amor e gratid3o.

Resumo

O presente trabalho aborda os possíveis efeitos na relação humana com a morte a partir do impacto das tecnologias digitais. Para isso, foi desenvolvido um breve resumo sobre as diversas formas que a humanidade encontrou para lidar com a morte e o sentimento de perda ao longo da história. Esse breve relato possui ênfase temporal entre os séculos XIX e XXI e tenta buscar alguns pontos importantes no pensamento a respeito da espiritualidade, perspectiva de continuação da vida após a morte e tentativa de encontrar consolo buscando alternativas religiosas e tecnológicas. Também foi evidenciado algumas experiências digitais que permitiram a criação e reprodução de hologramas de pessoas falecidas ou que se encontram no fim da vida. O principal caso abordado neste trabalho é sobre a criação e reprodução digital com uso da Inteligência Artificial que envolveu a pequena Na-Yeon, garota sul-coreana que faleceu aos 7 anos. Tendo esse caso em vista, foi proposto um diálogo com diversos autores de diferentes áreas do conhecimento, inclusive História, a fim de desenvolver as prováveis consequências dessa experiência digital no âmbito da memória e do esquecimento.

Palavras-chave: Memória. Esquecimento. Inteligência Artificial. A relação humana com a morte.

ABSTRACT

This work addresses the possible effects on the human relationship with death from the impact of digital technologies. For this, a brief summary of the different ways that humanity has found to deal with death and the feeling of loss throughout history was developed. This brief report has a temporal emphasis between the 19th and 21st centuries and tries to seek important points in thinking about spirituality, perspective of continuing life after death and trying to find solace by seeking religious and technological alternatives. Some digital experiences that allowed the creation and reproduction of holograms of deceased people or those who are at the end of life were also highlighted. The main case addressed in this work is about the digital creation and reproduction using Artificial Intelligence, which involved the little Na-Yeon, a South Korean girl who died at the age of 7 years. With this case in mind, a dialogue was proposed with several authors from different areas of knowledge, including History, in order to develop the likely consequences of this digital experience in the realm of memory and forgetting.

Keywords: Memory. Forgetfulness. Artificial intelligence. The human relationship with death.

INTRODUÇÃO.....	7
1. IMPLICAÇÕES NO PENSAMENTO SOCIAL RELATIVO A MORTE A PARTIR DO CASO DE NA-YEON.....	12
2. A MORTE, ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO	27
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

As questões existenciais, principalmente as dúvidas que cercam a humanidade desde seus primórdios, estão sendo encaradas a partir de uma nova perspectiva. As novas tecnologias possuem grande influência na ressignificação de situações até então sem solução concreta. Quem poderia imaginar que hoje é possível interagir com um ente querido que não se encontra mais no mundo dos vivos? Não se trata apenas de uma gravação com um certo número de respostas, onde é possível fazer apenas perguntas estritamente delimitadas, vai muito além disso.

Com ajuda da Inteligência Artificial e da Realidade Aumentada, a equipe de produção de TV Sul-Coreana, a MBC-Live, passou 8 meses recriando virtualmente a pequena Na-yeon. Trata-se de uma menina que faleceu aos 7 anos de idade vítima fatal de um distúrbio sanguíneo. A partir dessa experiência, foi produzido um mini documentário que mostra o reencontro entre a mãe de Na-yeon, Jang Ji-sung, e a reprodução digital da própria garotinha. Esse registro foi reproduzido pela própria equipe de televisão e assistido por milhões de sul-coreanos. 'Meeting You', nome dado ao mini documentário, foi um grande sucesso e emocionou milhares de pessoas, afinal, a perda de um ente querido faz parte da trajetória humana.

No entanto, essa produção abriu espaço para um debate que está presente em diversas áreas do conhecimento. A História é uma dessas áreas profundamente impactadas por essas novas ações impulsionadas pelo uso da tecnologia digital. Como podemos achar essa relação entre tecnologia, memória e morte?

Um fato intrínseco a respeito da morte é a ausência física da pessoa que partiu. Esse fato não está isolado, com ele podemos chegar ao esquecimento. A princípio, se não deixarmos nenhum herdeiro de nossas memórias presente nesse mundo, nossas realizações em vida podem acabar se perdendo ao passar dos anos. O fato é que o esquecimento está inteiramente ligado com a morte e, a partir disso, a simbologia representativa através de cerimônias fúnebres abrem uma questão importante. A conservação física de caixões, urnas funerárias, túmulos perpétuos, mumificação, entre outros, tem relação próxima com o desejo humano de ser constantemente lembrado?

A conservação de espaços físicos faz parte da área de atuação histórica. A preservação de determinados monumentos nos dizem que alguém que agora está

ali viveu um dia. Também dizem que esse alguém realizou coisas significativas e portanto será lembrado mediante a preservação material de monumentos, túmulos, obras ou registros.

A memória, o esquecimento e a morte são assuntos inseparáveis. Embora sejam frequentemente trabalhadas em conjunto a partir de outras áreas, como por exemplo a Psicologia, a História tem sua função nessas discussões atuais. Ela precisa ficar atenta a essas novas mudanças a respeito da morte, pois se trata da percepção humana sobre questões que nos assolam e irão nos assolar para sempre. Essas novas mudanças são basicamente a modificação da visão em relação a morte. O objeto consolador após uma perda, desde os primórdios da humanidade, é a religião e suas diversas formas de interpretação relacionadas ao falecimento. Contudo, as novas tecnologias trazem possibilidades até então impossíveis como a 'ressurreição virtual' de uma pessoa já falecida. O que é observado é que, a partir desse meio, não é necessário nenhuma clarividência para perceber a presença e interagir com o morto. A consolação vem por meios mais palpáveis indo além do conforto psicológico que a crença da vida pós morte proporciona. Essas novas possibilidades impactam profundamente em nossas lembranças, pois após a morte, a partir dessas recriações virtuais, continuamos em contato com memórias e experiências presentes relacionadas a pessoas que já partiram.

Os estágios que todos passam, vinculados ao falecimento de alguém querido, são mudados através dessas novas possibilidades. Desde as formas de crença, entendimento sobre a vida e ótica sobre o futuro até mesmo a consciência do que de fato é real. Trata-se de novos rumos que até então a religião era o agente principal na tentativa de resolução. O papel consolador após a morte de alguém está passando para as mãos da tecnologia. A mudança não está restrita a apenas um indivíduo, mas, sim, a todo um sistema de crença e interpretação sobre a vida e a pós-morte.

O cerne da questão está justamente nessas ressignificações proporcionadas por novas formas de entendimento sobre a morte. Ao escrever esse trabalho em uma época tão obscura na história da humanidade, nos deparamos com eventualidades que são praticamente impossíveis de serem ignoradas.

A prática de enterrarmos nossos mortos dando-lhes o último adeus, olhando para o seu rosto inanimado, virou quase que uma exceção visto a quantidade de

pessoas que morreram vítimas da SARS-COV-2. Não é preciso ter uma bola de cristal para perceber que a tecnologia que fez Na-yeon ‘renascer digitalmente’, tem grande potencial de uso futuro, já que o último adeus em tempos de pandemia quase sempre não é possível.

Unir diversas áreas do conhecimento, com o intuito de esclarecer melhor as possíveis mudanças no relacionamento dos seres humanos com a morte, a partir do caso Na-yeon, explorando o impacto das novas tecnologias nas dinâmicas da memória e do esquecimento, é o grande desafio deste presente trabalho. Alguns historiadores produziram obras que nos ajudarão a compreender melhor toda a relação aqui proposta.

A historiadora Régine Robin (2016) em sua obra, *A Memória Saturada*, traz uma perspectiva bastante atual sobre o choque das novas tecnologias em nossa memória. O eterno presente é uma preocupação de Régine visto o imediatismo nos tempos atuais. Esse conceito é muito interessante, pois ao relacionar com a religião, vemos que algumas crenças prometem o reencontro, após a nossa morte, com entes que já partiram. No entanto, não sabemos o dia que iremos morrer e o sentimento de angústia é normal nessas ocasiões de perda, afinal, estamos trabalhando com uma perspectiva de futuro. Tendo isso em vista, a configuração de nossos tempos desperta em nós o imediatismo impulsionado pela dinâmica que as novas tecnologias possuem. O resgate da lembrança virtual de uma pessoa falecida mostra um pouco desse imediatismo. Essa solução nos diz que não precisamos esperar até nossa morte para reencontrar nossos familiares e amigos. Esse reencontro pode ocorrer agora através de uma simulação que promete ser fidedigna a experiência de reencontro físico entre pessoas vivas.

O esquecimento e a fantasia de conservar tudo são diálogos importantes entre Régine Robin e o historiador Paolo Rossi. Rossi (2010) aponta para o temor de ser esquecido, enquanto Robin menciona a obsessão de tudo lembrar. Trata-se de um possível impasse ao julgar pelas atuais alternativas tecnológicas, pois na medida que alguns querem esquecer a recordação física do ente querido, já existem ofertas bastante sofisticadas que ajudam a lembrar a presença do(a) falecido(a) e que convidam os familiares e amigos a uma imersão na memória, após a perda, até pouco tempo impossível de ser realizada.

Entre esses dois autores, entra Harald Weinrich. Em seu trabalho, ‘Arte e Crítica do Esquecimento’, Weinrich (1999) chama atenção para a conotação

negativa que damos para o esquecimento. Por que esquecer é visto como algo ruim? De acordo com o filósofo Martin Buber (1979), caso não houvesse o esquecimento, o homem pensaria continuamente na própria morte. Assunto esse que o historiador Philippe Ariès explorou ao máximo em sua notável obra, 'O Homem Diante da Morte'.

Ariès será de grande ajuda no desenvolvimento deste trabalho. Com ele, vamos explorar diferentes formas de lidar com a morte tendo em vista distintas culturas. Com isso, será possível abordar as relações que se modificaram e ainda modificam as interações em torno da morte e todo o significado e ressignificação que esse assunto carrega.

Portanto, por que não deveríamos esquecer? Todos temos acontecimentos indesejáveis em nossas vidas que não queremos recordar, pois nos trazem desconforto. Assim como existem pessoas que querem recordar fisicamente a presença de um ente que partiu, como Jang Ji-sung, existem pessoas que dariam de tudo para esquecer a presença do falecido, em razão de todo o sofrimento que determinada recordação traz ao indivíduo. Existe método correto nesse enredo?

Mesmo que essa relação tenha se modificado ao longo do tempo, sempre tivemos que lidar com a morte e a perda, tanto de si próprio, no caso o indivíduo, quanto de seus familiares e amigos. É um obstáculo até então insolúvel, pois a partir da morte física do ser, as memórias chegam em um limite. Mesmo que seja possível relembrar o que parecia esquecido, o fato é que nada de novo será experimentado e servido como uma nova lembrança. É imensurável o impacto que esses novos ensaios tecnológicos provocam na percepção que temos sobre a morte e seus respectivos agentes delimitadores. A partir dessas novas possibilidades, como iremos encarar algo que é tão natural em nossas vidas quanto a morte? Quais modificações essas intervenções tecnológicas irão causar na memória individual e coletiva? Em tese, a perpetuidade dos recursos digitais não deixará que esqueçamos da existência dos nossos antepassados? Qual o limite ético dessas atividades?

Na busca de respostas, a metodologia se restringirá na análise do caso de Na-yeon. Essa análise será o ponto central desse trabalho, pois nela residem diversas discussões com um grande potencial para o debate histórico.

A estipulação de um diálogo entre os principais historiadores que ajudarão no desenvolvimento deste trabalho, também é uma parte importante na confecção de ideias sobre a temática.

Tendo em vista a interdisciplinaridade do tema aqui proposto, será necessário muitas vezes buscar referências de outros campos do conhecimento. Portanto, a reiteração de um diálogo não só entre os historiadores, mas também entre outros grandes autores de áreas como a Filosofia, Psicologia e até mesmo Ciências Jurídicas e Sociais, será de grande ajuda na evolução dessa tarefa. Assim como o manuseio de conceitos que fogem do campo histórico e conceitos de interesse historiográfico.

Esse trabalho está dividido entre dois capítulos. O primeiro tem o objetivo de fazer uma brevíssima análise histórica sobre as formas que o humano encara a morte. Para isso, contaremos com a ajuda do historiador Philippe Ariès, a principal referência nesta parte do projeto.

O segundo capítulo será dedicado para discussões que envolvem a memória e o esquecimento. Contando com ajuda de historiadores de renome, já citados acima, vamos desenvolver mais sobre a relação entre memória, esquecimento e morte, com o intuito de ligar pontos importantes do trabalho e fechar uma linha de pensamento coesa.

1. IMPLICAÇÕES NO PENSAMENTO SOCIAL RELATIVO A MORTE A PARTIR DO CASO DE NA-YEON

Em quase toda sua totalidade, é muito dolorosa a lembrança a respeito da morte de pessoas que foram muito preciosas para nós. Não se trata apenas de um breve “até logo”, pois o conhecimento concreto que temos em relação ao que acontece após a morte está contido numa análise puramente física. Afinal, o que podemos confirmar com certeza é que o corpo passa a se decompor algumas horas após a paralisação de suas funções orgânicas.¹ Depois de alguns anos após a morte, já não resta mais nada que possa nos identificar como um rosto familiar. Há

¹ Essa afirmação pode ser relacionada à possibilidade da existência da vida pós-morte. Esse vínculo é de autoria do filósofo Henri Bergson. Para ele, a única razão para não acreditarmos na vida após a morte é que o corpo se decompõe após a cessação da vida. BERGSON, Henri. **A Energia Espiritual**; tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

quem prefere acelerar esse processo com a cremação do seu corpo sem vida, seja por pura opção ou condicionamento religioso.

O fato é que, em algum momento, o corpo físico deixa de existir na forma que estamos acostumados a presenciar. Mesmo que seja preservado, o sujeito que se encontra sem vida não responde mais a nenhum estímulo, seja ele externo ou interno. No entanto, a ciência está driblando esse fim inevitável e nos proporcionando a criação de experiências e memórias acerca de pessoas que não se encontram mais entre nós.

O relato a seguir está baseado em uma série de reportagens vinculadas a diversos sites de notícias – como os portais da BBC Brasil, do G1 (Portal de notícias da Rede Globo) e TecMundo – ² assim como em um mini documentário e seu respectivo making of que trazem toda a experiência tecnológica que "ressuscitou" digitalmente uma criança sul-coreana conhecida como Na-yeon.³

Primeiro devemos conhecer a VIVE Studios ⁴, empresa global especialista em Realidade Virtual. Ela promete uma experiência avançada nesse âmbito tecnológico, dispondo dos melhores profissionais do mercado para simulações virtuais. A VIVE Studios em parceria com a emissora sul-coreana, MBC-Live ⁵, resolveram recriar virtualmente a pequena Na-yeon. Uma criança que faleceu repentinamente aos seus 7 anos, vítima de uma doença no sangue.

O principal desafio, segundo os desenvolvedores do projeto, era dar feições e movimentações naturais para uma criança de 7 anos. Para isso, eles contaram com uma atriz da mesma idade de Na-yeon para servir de modelo nessa recriação virtual. Através da captação digital do corpo da atriz, a equipe tentou reproduzir a

² Mãe 'encontra' filha morta com ajuda de realidade virtual em programa de TV. **BBC News Brasil** Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51551583>> Acesso em 25 de outubro de 2021.

Mãe 'encontra' filha morta com a ajuda de realidade virtual em programa de TV. **G1**. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/02/19/mae-encontra-filha-morta-com-a-ajuda-de-realidade-virtual-em-programa-de-tv.ghtml>> Acesso em 25 de outubro de 2021.

Mãe revê filha morta recriada por realidade virtual. **TecMundo**. Disponível em <<https://www.tecmundo.com.br/ciencia/150207-mae-reve-filha-morta-recriada-realidade-virtual.htm>> Acesso em 25 de outubro de 2021.

³ MBC LIVE. **VR Human Documentary: Mother meets her deceased daughter through VR technology**. Youtube, publicado em 06 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ufTK8c4w0c&t=116s>>.

VIVESTUDIOS. **"I MET You" "Meeting You" Behind Story**. Youtube, 12 de mar. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lgXXGr9O-g8&ab_channel=VIVESTUDIOS>. Acesso 15 de outubro de 2021.

⁴ VIVE DEVELOPERS. **Home Page**. South Korea, 2011. Disponível em <<https://developer.vive.com/kr/>> Acesso em 25 de outubro de 2021.

⁵ MBC. **Home Page**. South Korea, 1996. Disponível em <<http://onair.imbc.com>> Acesso em 10 de nov. de 2021

naturalidade de uma criança em relação ao seu biotipo respeitando as características de sua idade e sexo. A equipe também contou com uma atriz mais velha para captar movimentos da face e movimentos corporais básicos dentro do cenário proposto onde ocorreu a simulação.

Os desenvolvedores deste projeto, contaram com diversas fotos da criança falecida em diferentes momentos do seu curto período de vida. Assim, eles conseguiram recriar digitalmente os detalhes da face de Na-yeon. A voz da criança foi sintetizada através de vídeos e áudios registrados na época em que ela ainda estava viva.

Trata-se de um projeto extremamente complexo e que exige tempo e recursos financeiros para que seja concretizado. O que está sendo proposto não é apenas uma experiência semelhante a jogos de video games experimentados através da Realidade Virtual. O trabalho dessa produção envolve sentimentos humanos, como a tristeza pela perda vivida pela mãe de Na-yeon.

O reencontro ocorreu na base de muita emoção por parte de Jung Ji-sung, mãe da garota. Era nítido que a mãe da criança falecida não estava se deparando apenas com uma reprodução virtual. Na percepção e no diálogo entre as duas, se constata a crença por parte da mãe de que ela realmente estava interagindo com a sua filha e não com uma simulação sofisticada.

A equipe de engenheiros digitais da VIVE Studios, desenvolveram um trabalho realmente formidável com um alto grau de veracidade. Certamente a tecnologia que esses profissionais terão em um futuro próximo, trará mais realidade a experiência virtual.

Entretanto, o registro desse reencontro entre mãe e filha, transformado em um mini documentário, ao mesmo tempo que emocionou vários telespectadores e internautas, também acendeu um debate entre pessoas que assistiram o resultado desse trabalho na internet. Muitos internautas compararam a experiência aqui citada com o seriado *Black Mirror*.⁶ Nessa série, os personagens vivem em um futuro próximo distópico e regido por possibilidades tecnológicas nada estranhas para nós, pelo menos em sua grande maioria. Nesse caso a tecnologia exerce um papel opressivo em diversos sentidos. Em vários episódios, ao mesmo tempo que ela é necessária para o convívio social, ela torna seus personagens reféns do auxílio

⁶ **BLACK MIRROR**. Direção: Joe Wright. Produção: Russell Mclean. Reino Unido: EndemolShine UK, 2011. Disponível em <www.netflix.com> Acessado em 22 de abril de 2020

tecnológico para exercer atividades básicas do cotidiano. Visto isso, a série desperta muitos questionamentos ao assisti-la.

A série também trata do tema morte. No primeiro episódio da segunda temporada, intitulado 'Be Right Back' (Volto logo)⁷, a protagonista, Martha, perde seu namorado em um acidente de carro. Em meio ao seu luto, ela se depara com uma oportunidade de reconstituir as interações que eles costumavam ter através de um software que promete mapear os emails e contas em redes sociais de Ash, seu namorado, e reproduzir exatamente a forma que ele costumava se comunicar. Primeiro as mensagens entre Martha e a simulação de Ash eram trocadas exclusivamente por mensagens de texto. Após um tempo, Martha libera o acesso do software a vídeos e áudios de Ash. Com isso, a voz de Ash passa a ser reproduzida e os namorados passam a se comunicar por telefone. A última etapa é a simulação física de Ash, onde o programa de software recria seu corpo e sua mente em sua totalidade.

O resultado sentimental de toda vivência tecnológica não podia ser diferente. Martha passa a ficar extremamente confusa entre o que era de fato seu namorado e o que é a cópia dele. Essa confusão é sentida na pele em vários momentos em que ela percebe que algo está errado e que embora parecesse muito real, aquele andróide não era seu namorado.

É inevitável não relacionar esse episódio de Black Mirror com o caso de Na-Yeon. A lógica e a intenção que fizeram que a empresa de software da série desenvolvesse tal produto e a lógica e a intenção que levaram a VIVE Studios a recriar Na-Yeon, são extremamente semelhantes. Até mesmo o fundamento técnico de reconstituições são parecidos. Todo o mapeamento cognitivo que ambos usaram no renascimento digital de Ash e Na-Yeon mostra que a ficção, nesse caso, não está nada distante da realidade, pois já é possível realizar determinadas simulações.

Seguindo essa lógica, o que era antes inimaginável e apenas conhecido em filmes do premiado cineasta Steven Spielberg, hoje em dia já faz parte da nossa rotina. Não precisamos nos deparar com uma recriação perfeita de alguém falecido para entendermos que a tecnologia digital assumiu um papel de grande importância

⁷ BE RIGHT BACK (2 temp. 1 ep.). **Black Mirror**. Direção:Owen Harris. Intérpretes: Hayley Atwell;Domhnall Gleeson;Indira Ainger;et al. Escritor:Charlie Brooker. Reino Unido: EndemolShine UK, 2013. Disponível em <www.netflix.com> Acessado em 22 de abril de 2020

em nossas vidas. No entanto, o que é passível de apreensão é justamente essa intervenção que a nova tecnologia está exercendo na nossa relação com o luto.

Recapitulando a experiência vivida a partir da recriação de Na-Yeon, podemos fazer uma análise a respeito da morte e como ela é, e foi, vivenciada ao longo da história da humanidade. A partir da obra 'O Homem Diante da Morte', do historiador francês Philippe Ariès, temos nossa visão ampliada referente a como o humano enfrentou e ainda enfrenta essa situação. A obra analisa um grande período que vai desde a Idade Média até as últimas décadas do século XX. Tendo esse trabalho de Ariès em mente, podemos entender melhor os motivos que estão levando a tecnologia digital para o âmbito da morte e do luto.

Para Ariès (2013), até no século XX, período regido por ceticismo científico, ainda existem percepções que se negam a acreditar na aniquilação completa do indivíduo após sua morte. Essas percepções foram, e ainda são, motivadas a partir de todas as religiões antigas juntamente com o cristianismo.

A crença da continuidade da vida exerce um papel importante no meio social. As palavras consoladoras que dizem que é possível sobreviver da própria morte trazem um tom positivo no pensamento popular relacionado ao tema. Não bastando isso, o cristianismo oferece uma explicação em relação ao que vem depois do nosso falecimento. Essa indagação cristã nos fornece esperança, pois, segundo ela, depois do cessamento da vida, poderemos encontrar os que já se foram antes de nós em um lugar cheio de paz e benevolência conhecido popularmente como Céu ou Paraíso.⁸

As motivações que levaram a VIVE Studios e a MBC-Live a recriar Na-Yeon se valem a partir dessa crença muito compartilhada que nos diz que após a morte existe vida. Talvez seja exagerado dizer que a ciência e a religião estão andando lado a lado com base nessa experiência, entretanto, é possível afirmar que os algoritmos e números que regem a ciência da programação estão em favor, nesse caso, a algo subjetivo e imaterial que foge dos limites materiais e probatórios que a própria ciência estabelece.

⁸ "Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu teria dito a vocês. Vou preparar lugar para vocês." (João 14:2). "Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie." (Efésios 2:8-9). Ver em BÍBLIA, N. T. Provérbios. In BÍBLIA. Português. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

A recriação da pequena garotinha assume um papel que até então era dito como prioritário das religiões que regem as relações desse mundo ao longo da história. A interpretação da vida após a morte está entrelaçada com as religiões e é percebido popularmente como um assunto fundamental das crenças. Cabe a elas a tentativa de explicar um plano espiritual posterior ao plano físico.

Muitas doutrinas possuem uma visão diferente do que acontece após o encerramento da vida. Uma dessas práticas cresceu fortemente no século XIX e foi decodificada com ajuda de um homem comprometido com a ciência. Trata-se do espiritismo, religião decodificada por Hippolyte Léon Denizard Rivail, também conhecido como Allan Kardec. Esse trabalho resultou na obra 'O Livro dos Espíritos', publicada originalmente em 1857.⁹

O espiritismo como religião tem sua atenção, quase que em sua totalidade, virada para as questões da morte e da vida após o encerramento da trajetória aqui na terra. Essa doutrina exerce muitas vezes a função de consolar as pessoas que perderam um ente querido. A mensagem principal passada por essa religião é que na verdade a morte não existe e essa vida é apenas um pequeno estágio com data pré-estabelecida para acabar. Apesar disso, o reencontro entre Jang Ji-Sung e Na-Yeon, independente de qual religião ambas eram adeptas, foi concretizado como consequência de um projeto científico e não em decorrência de um princípio religioso.

Não podemos tratar essa experiência tecnológica como uma tentativa de “pular etapas”, pois não sabemos de fato o que vem depois do encerramento da vida. O que podemos ter em mente é que assim como o espiritismo e outras religiões, a ciência vem desenvolvendo a ocupação de um lugar até então inabitado por ela. O lugar destinado aos agentes consoladores em favor dos enlutados após a morte de seus entes queridos.

Podemos pensar que essa nova possibilidade tecnológica vem de uma necessidade antiga ao evocar os livros de consolação confeccionados e lidos intensamente na América no século XIX. Conforme menção de Ariès (2013), essas obras eram escritas por ocasião da morte de alguém próximo, se concentrando principalmente no falecimento de crianças. Esses livros não eram escritos apenas pelos eclesiásticos, mas também escritos por mulheres – esposas ou filhas de

⁹ KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**: princípios da Doutrina Espírita. Trad. de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

eclesiásticos. Fato este, bastante característico dessa prática na época. É preciso também mencionar a perda de parte do poder legal e influência econômica que essas mulheres sofreram nessa época e que pode ter interferência direta na escolha dessa atividade remunerada.

Ainda sobre essa atividade, de acordo com Philippe Ariès:

A carta de consolação é um gênero clássico, cultivado tanto na Antiguidade como na Renascença e no século XVII, aparentado às elegias, túmulos literários, inscrições funerárias. Na América do século XIX, o gênero, outrora confidencial, tornou-se uma leitura de massa embora, ao mesmo tempo, a natureza dos argumentos, o tom e o estilo mudaram completamente.¹⁰

Semelhantes versões de livros ou cartas de consolação ainda estão vigentes no século XXI com suas determinadas modificações. Muitas vezes elas vêm como um romance espírita psicografado por médiuns receptores de entidades que ditam o acontecimento para eles, assim gerando um livro cujo a autoria é da entidade. O médium recebe os créditos apenas na sua ação de psicografar e moralmente é aconselhado a não ter ganhos financeiros com essas obras, pois elas não pertencem a ele.

Ainda é possível ir além. Existem relatos de pessoas que perderam seus familiares, mas mesmo após a perda, alegam ter estabelecido comunicação com o ente falecido através de cartas psicografadas por médiuns. Um caso semelhante é da família de Felipe Chades Pinheiro Fonseca, estudante de Engenharia Metalúrgica da Universidade Federal de Ouro Preto. Conforme a carta psicografada pelo médium Orlando Noronha Carneiro, Felipe acabou cometendo suicídio após um surto psicótico. De acordo com o espírito do estudante, ele se vê arrependido por ter cometido esse ato encarando-o como uma grande bobagem. Nessa carta psicografada, existem alguns detalhes bastante curiosos como nome de vários familiares, menção indireta das atividades que Felipe realizava em seu curso, o sentimento do estudante referente a boas notas em provas da faculdade, entre outros assuntos. Felipe alega que estava com seu avô, já falecido, que o auxiliava no mundo espiritual e na escrita da carta para sua família. Ele também confessa que

¹⁰ ARIÈS, Philippe. **O Homem Diante da Morte**; tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.603

ainda sentia dores no pescoço, o que nos leva a crer que a sua morte foi em decorrência de um enforcamento.¹¹

A diferença entre o caso de Felipe Chades e de Na-Yeon é bastante evidente. No caso do estudante de Engenharia Metalúrgica, não houve uma clara intervenção tecnológica. Trata-se do 'próprio' falecido relatando o que ocorreu no ato suicida e após sua morte. Entretanto, o relato que segue na carta é de uma tentativa de consolação, informando que Felipe se encontra bem e que está frequentemente sintonizado com boas vibrações. No caso de Na-Yeon o diálogo que se estabeleceu entre a criança e sua mãe não fugiu muito do objetivo central dessa empreitada, a também tentativa de consolação. A representação digital da pequena garota diz a todo momento para sua mãe que ela se encontra bem e que sente muitas saudades. Esse fato pode parecer bizarro, mas de certa forma o que o mini documentário nos passa é que o resultado da remontagem acalmou o coração de Jang Ji-Sung.

A verdade é que o diálogo entre Na-Yeon e Jang Ji-Sung é baseado numa 'falsa realidade'. A verdadeira Na-Yeon não estava dizendo aquelas palavras de consolação. Quem estava falando com Jang Ji-Sung era uma série de algoritmos que possibilitaram essa troca de informações e apoio entre mãe e filha. Esse fato pode indicar certas modificações no ponto de vista do estudo sobre o luto, pois trata-se de uma possibilidade nova em que a reprodução digital de uma pessoa falecida interage com seus entes que ainda vivem.

O que torna o caso mais interessante é que o holograma de Na-Yeon indica que sabe que ela está morta. Portanto, existe um diálogo que vai além das fronteiras da vida. É como se Jang Ji-Sung estivesse conversando com o espírito de sua filha, fato parecido com o caso de Felipe Chades. Entretanto, existem diferenças. No caso de Felipe, a religião e o médium vinculado ao espiritismo eram os mediadores daquela comunicação. Já no caso de Na-Yeon, o mediador foi a tecnologia. O que nos remete a duas percepções referente ao luto. Enquanto uma família buscou auxílio espiritual, outra buscou auxílio tecnológico.

¹¹ MOMENTO ESPIRITUAL. **Psicografia linda! Vou comparecer na festa mesmo que não me vejamos.** Youtube, 1 de dezembro de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WFqmg0Ufifk>> Acesso em 25 de out de 2021.
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **Nota de pesar pela morte do estudante Felipe Chades.** 2015. Disponível em <<https://ufop.br/noticias/nota-de- pesar-pela-morte-do-estudante-felipe-chades>> Acesso em 25 de out de 2021

No século XXI, é possível perceber que existe uma certa normalização do padrão em que o luto é sentido. A ação impulsionada pela busca de consolo é algo natural diante da perda de alguém querido. Tanto a mãe de Na-Yeon, quanto a família de Felipe, buscaram palavras reconfortantes e nada mais eficaz do que escutar do próprio familiar, no caso de Na-Yeon uma reprodução artificial, que ele se encontra bem e vivo, mesmo que não esteja fisicamente entre nós. Contudo, ao buscar alguma padronização de sentimento gerado pela perda ao longo do tempo, vemos que fica muito difícil determinar um parâmetro.

Philippe Ariès cita um caso bastante peculiar para nós, mas talvez comum no século XVIII. A impessoalidade do luto nesse período se faz presente no relato referente a um processo judicial movido por uma viúva:

O processo movido pela marquesa de Noë, depois da morte do marido, contra sua cunhada em Toulouse, em 1757, prova a que ponto as despesas de luto eram consideradas necessidades sociais e não expressão de desgosto. “Ela pede à sucessão de 8 mil libras como reembolso de seu luto.” À sua cunhada: “o oferecimento de 3 mil libras, que lhe faço, para as roupas de luto corresponde a tudo a que ela tem direito de reclamar a esse respeito”.¹²

Ainda conforme Ariès (2013), no século XVII, onde se desmaiava com facilidade, as notícias sobre morte eram recebidas com extrema frieza. Ainda existem exceções. Muitas pessoas sofrem com o sentimento da perda, no entanto, a aflição era canalizada para um ritual restrito. Segundo o historiador:

Ritualizado e socializado, o luto nem sempre representa completamente – pelo menos nas classes superiores e na cidade – o papel de desabafo que tinha tido. Impessoal e frio, em vez de permitir ao homem expressar o que sente diante da morte, ele o impede e o paralisa. O luto representa o papel de uma tela entre o homem e a morte.¹³

Talvez a busca pelo conforto através da confirmação de uma continuidade após a morte venha como uma espécie de catarse. Uma tentativa de expressar a

¹² ARIÈS, Philippe. **O Homem Diante da Morte**; tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.432

¹³ ARIÈS, Philippe. **O Homem Diante da Morte**; tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.433

dor da saudade e receber um fio de esperança no momento em que a vida do enlutado pode perder o sentido. Trata-se de um acontecimento traumático que de uma forma ou outra o sentimento provavelmente deverá ser expressado. Alguns sentem raiva e inconformidade, outros sentem tristeza profunda. Existem aqueles que tentam buscar respostas para o alívio e outros que preferem não expressar suas emoções. Como dito, não é possível estabelecer um padrão para sensações relacionadas à perda, entretanto, cada época tem algumas particularidades que nos chamam a atenção.

Para uma análise mais profunda dessas questões que rondam o luto e para entender melhor os casos aqui citados — com ênfase no caso de Na-yeon — podemos chamar o auxílio da principal área do conhecimento que observa as ações humanas mediante a certas situações, principalmente relacionadas à perda de alguém. Sigmund Freud, pai da psicanálise, possui algumas colocações pertinentes que podemos explorar no presente trabalho. Diz ele:

O luto profundo, a reação à perda de um ente amado, comporta o mesmo doloroso abatimento, a perda de interesse pelo mundo externo — na medida em que não lembra o falecido —, a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor — o que significaria substituir o pranteado —, o afastamento de toda atividade que não se ligue à memória do falecido. Logo vemos que essa inibição e restrição do Eu exprime uma exclusiva dedicação ao luto, em que nada mais resta para outros intuitos e interesses. Na verdade, esse comportamento só não nos parece patológico porque sabemos explicá-lo bem.¹⁴

Nos casos, tanto de Felipe quanto de Na-Yeon, percebemos que existe uma busca em relação à memória do falecido. Claro que não é possível afirmar até que ponto existe um afastamento das atividades que não estejam associadas ao morto. Seria audacioso trabalhar a partir desse ponto. A questão é que Freud chama a atenção para o desinteresse do mundo externo por parte do enlutado. O que pode demonstrar um estilo de sentimentalismo contemporâneo. Existe essa possibilidade, pois existem mudanças na forma em que as pessoas sentem uma perda de acordo com o que a história nos mostra.

¹⁴ FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1917 [1915]/1974. 2010. p.130

Philippe Ariès irá falar na Revolução do Sentimento tendo como pano de fundo o movimentado século XIX:

As coisas se passam no século XIX como se todo o mundo acreditasse na continuação, depois da morte, das amizades da vida. Nesse fundo comum da crença, o que varia é o grau de realismo das representações e, principalmente, a relação entre a vida futura e a fé religiosa.¹⁵

Essa crença na continuação das amizades da vida mesmo depois da morte, em concordância com Ariès, revela a impossibilidade do sujeito aceitar a morte de alguém que lhe foi muito caro. O que pode parecer diferente, a partir da avaliação da escultura conhecida como 'Pietà'¹⁶, de Michelangelo. Nessa grande obra, vemos a Virgem Maria segurando o corpo de Jesus Cristo após sua crucificação. No entanto, é possível reparar que o artista não tem a intenção de passar o tom de desespero de uma mãe com seu filho morto em seus braços, muito pelo contrário. O que arriscamos interpretar é que, ao reparar o rosto da Virgem Maria, nos deparamos com um olhar cabisbaixo que remete a uma certa aceitação em relação ao acontecimento recém consumado. Ao comparar, na questão sentimental, esse grande trabalho de Michelangelo com o caso Na-yeon, temos duas situações parecidas com duas reações distintas. Evidentemente temos que levar em conta a questão pessoal sobre o sentimento da perda e a manifestação artística de Michelangelo. Contudo, vale refletir, apoiado nesses dois contextos temporais distintos, como a aceitação da morte de um filho, por parte da mãe, pode ser representada.

Um ponto importante que ajudará no desenvolvimento do presente trabalho, é a verificação da frequência em que determinadas sociedades ao longo do tempo se depararam com a morte. O uso de valas comuns em meados do século XV na Europa, mostra o tom de como muitas vezes a visualização da morte e do cadáver pode ser banal.

Ariès (2013) coloca que provavelmente o surgimento dessas valas fazem parte de um contexto pandêmico ligado a um aumento populacional. A consequência

¹⁵ ARIÈS, Philippe. O Homem Diante da Morte; tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.631

¹⁶ MICHELANGELO. **Pietà**. 1499. Escultura em Mármore. 1,74m x 1,95m. Fonte <<https://fotospublicas.com/pieta-de-michelangelo-um-legado-imensuravel-que-reside-na-basilica-de-sao-pedro-vaticano/>>.

parece acarretar em um desleixo ritualístico. As valas eram compostas de crânios expostos a céu aberto. Os corpos, jogados ali, eram consumidos em até 9 dias, tamanha a putrefação que se tinha no ambiente. Eram cadáveres e mais cadáveres de pessoas que não tinha poder aquisitivo para pagar por um enterro digno.

Não só o depósito de cadáveres a céu aberto, fato muito bem ressaltado por Philippe Ariès, mostra o tamanho do ar de insignificância que era tratado determinadas pessoas em uma sociedade ainda com fortes raízes medievais. Dentro desse cenário, Michel Foucault lembra bem a prática do suplício. Essa ação era uma forma de punição extremamente violenta realizada em praça pública e assistida por centenas de pessoas.¹⁷ É difícil precisar psicologicamente o exato impacto social que o suplício tinha nas relações rotineiras entre os espectadores. Nos cabe avaliar que esse espetáculo de horror de certa forma fazia parte do entretenimento humano. Podemos constatar isso a partir do momento que regredimos um pouco mais e chegamos até o Coliseu em Roma, palco de grandes carnificinas nos tempos áureos do Império Romano.

De certa forma a violência, e a consequência mortal que muitas vezes ela impõe, desperta a curiosidade de muitos. Parece ser a velha necessidade humana de querer presenciar algo diferente que choque a ponto de satisfazer.

O espetáculo da violência que gera a morte frequentemente é rechaçado nos dias atuais. Assim como o suplício foi desaparecendo após o final do século XVIII, várias expressões de violência são constantemente bloqueadas na era digital via filtros específicos que identificam e inibem a circulação desse tipo de conteúdo na internet.¹⁸ O nosso acesso às cenas explícitas de mortes violentas está cada vez mais restrito em comparação com a história intensa que os séculos anteriores nos revela. Portanto, se tentarmos estabelecer uma medição do contato entre a humanidade e a morte violenta ou repentina, a frequência estará mais alta nos séculos anteriores. Isso consequentemente aumenta as questões banais relacionadas à morte em que nossos antepassados se depararam.

Sendo assim, é inevitável pensar que realmente existe uma revolução sentimental ao passar dos tempos. No século XXI, podemos identificar uma

¹⁷ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

¹⁸ Facebook lança novo feed de notícias, com filtros de conteúdo e mais generoso com celulares. **O Globo**, 2013. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/economia/facebook-lanca-novo-feed-de-noticias-com-filtros-de-conteudo-mais-generoso-com-celulares-7773199>> Acesso em 10 de nov. de 2021

diferença significativa nos assuntos do âmbito do falecimento. Existe, por exemplo, um maior cuidado e respeito com o corpo de indivíduos que já partiram, não sendo aprovado por grande parte da população alguma prática que lembre a humilhação física e moral proporcionada pelo suplício. Mas cabe salientar que todo este cuidado possui localização geográfica e social. No ocidente podemos constatar essa característica muitas vezes impulsionada pela fé cristã. Muitos rituais de sepultamento são regidos a partir desse princípio religioso. Em outras localizações, essas liturgias podem sofrer alterações significativas.

Existe um aproximamento sentimental entre enlutados e falecidos. Como dito anteriormente, nos séculos passados era percebido uma maior frieza por parte das pessoas ao receberem uma notícia de falecimento de algum familiar. A banalidade da morte, assunto desenvolvido acima, pode ter contribuído com certo sentimento. Além disso, Freud constatou um aprofundamento do luto conhecido como melancolia em seu ensaio 'Luto e Melancolia' de 1915, ou seja, sua análise provavelmente tem a marca temporal entre final do século XIV e início do século XX. Datas que marcam justamente essa mudança sentimentalista a respeito da morte. Esse fato está em concordância temporal com a constatação do historiador Philippe Ariès a respeito da Revolução do Sentimento, termo abordado por ele.

As mudanças sentimentais são expressadas internamente e também externamente mediante ações muitas vezes orientadas por crenças religiosas. Essas ações que externalizam o sentimento do adeus, podem ser representadas a partir do uso da arte, assim como vimos ao examinar previamente a escultura 'Pietà' de Michelangelo. Posto isso, Philippe Ariès relembra as estátuas-retratos, muito frequentes na segunda metade do século XIX:

No cemitério de Nice (maravilhoso museu funerário, cujos túmulos mais antigos – e os mais ameaçados – são de 1835), uma menina de 8 anos recebe no céu seu irmãozinho, que a ela vai se reunir no Além. As duas crianças, em tamanho natural, estendem-se os braços, e o menino em camisa se lança a irmã que o espera (final do século XIX e início do século XX).¹⁹

¹⁹ ARIÈS, Philippe. **O Homem Diante da Morte**; tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.723

Novamente nos deparamos com a confiança da continuidade da vida após a morte. Essa representação não é nada menos do que uma expressão artística e, sobretudo, tecnologicamente pertencente ao século XIX. Fazendo um exercício de reflexão, caso os artistas fúnebres da época tivessem ao seu dispor uma tecnologia igual ou superior a que os engenheiros da VIVE Studios tiveram na recriação virtual de Na-Yeon, muito provavelmente essas expressões artísticas de cunho rotineiro e religioso seriam semelhantes a representações altamente fidedignas à realidade, justamente como a experiência que trouxe Na-Yeon virtualmente de volta.

Portanto, a partir do século XIV, temos uma modificação bastante evidente na forma em que a morte é encarada. Isso não significa que antes disso não houve mudanças significativas nesse âmbito. Entretanto, o que nos salta os olhos está contido principalmente nessa faixa temporal.

O fato mais importante é que houve modificações ao longo da história em relação aos temas sobre a morte. Sendo assim, é evidente que essas transformações não possuem a tendência estacionária. É possível verificar uma certa dinâmica dos acontecimentos.

Ao verificar a história, percebemos que a Igreja, como instituição, em algum momento, teve um aumento de sua responsabilidade sobre alguns assuntos, principalmente temas mortuários:

Eram ao mesmo tempo casa dos mortos e casa dos vivos. Foram assim de início, graças à devoção, às relíquias dos santos e à *memoria*. Em seguida, a partir do século XII, permaneceram próximos, mas a piedade mudou de motivação. O mesmo sentimento que gerava atração pelos sarcófagos das primeiras eras cristãs para os *martyria* sempre impeliu os homens da baixa Idade Média a escolher sepultura na igreja ou ao lado dela. Contudo, já não era a memória de determinado santo que se procurava, era a própria igreja, por ali se celebrarem missas; e o lugar mais apreciado era o altar, não a confissão de santo, mas a mesa do sacrifício eucarístico.²⁰

O ponto central é que tendemos a naturalizar certos papéis que acabam sendo fundamentados ao passar dos tempos. É comum pensar que a igreja sempre teve seu papel inalterado em relação a morte e que desde que o mundo é mundo, é assim. Apesar disso, o que nos é revelado é que o papel da Igreja foi ajustado a

²⁰ ARIÈS, Philippe. **O Homem Diante da Morte**; tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.95-96

partir de uma construção que pouco a pouco foi gerando o resultado que vemos hoje. O imediatismo referente ao posicionamento católico não é necessariamente uma regra. Foi preciso tempo para que alguns conceitos fossem estabelecidos. Excluindo, assim, a ideia de naturalidade das funções.

Desta forma, é possível afirmar que, se os papéis sociais – principalmente da Igreja – se alteram na sua relação com o tempo, essas modificações podem estar em curso constante, mesmo com certa lentidão. Ao comparar o papel consolador das religiões acerca da morte de entes queridos, vemos que, a partir do caso de Na-Yeon, é possível perceber uma nova etapa já em curso. Esse ‘renascimento digital’ proporciona tangibilidade. Podemos tocar, conversar e chorar junto a nossos familiares falecidos sem a necessidade de alguma espécie de clarividência geralmente referida aos médiuns.

Tendo em vista a análise proposta neste capítulo, é possível concluir, a priori, que talvez a Revolução do Sentimentos esteja dando um passo a mais. Esse passo exclama de certa forma a necessidade intensa de experimentar novamente a sensação física que é estar com seu ente querido. As religiões evidenciam, supostamente, que isso é possível, entretanto, nem todos podem ver ou sentir a presença de espíritos de pessoas que já partiram. A ciência, em determinada medida, está rompendo com essa impossibilidade.

A questão principal que esse capítulo tentou demonstrar é a possibilidade oferecida pela tecnologia que tenta amenizar a saudade da perda e dar uma nova perspectiva de continuidade, assim como, conseqüentemente, provoca uma nova perspectiva sobre a morte.

Essa perspectiva de continuidade, como vimos, está relacionada historicamente com a religião. Determinadas doutrinas possuem as credenciais para exercerem rituais referentes à morte, tal como liturgias pertencentes ao sepultamento e pós-morte. O que devemos nos perguntar é se o papel religioso será o mesmo visto a essas novas possibilidades proporcionadas pela Realidade Virtual. O presente capítulo, ao tentar recapitular um pouco sobre a história da morte e suas implicações, tentou abrir um ponto de reflexão sobre como podemos encarar a morte em um mundo fortemente impulsionado pela tecnologia digital.

Não é exagero considerar que a nossa perspectiva sobre a morte pode estar passando por uma grande modificação. Isso está contido não só a uma questão sentimental, mas também estrutural, visto que, os próprios ambientes fúnebres,

como por exemplo os cemitérios, são verdadeiros museus a céu aberto. A tecnologia atual tem total competência de substituir uma lápide por um holograma da pessoa falecida fazendo que a recriação digital da própria pessoa informe datas de nascimento e morte, proporcionando assim uma abertura para promoção de uma interação mais sofisticada entre público e falecido. As artes fúnebres podem ganhar um refinamento tecnológico que traz um tom bastante realista. As religiões podem se adaptar e integrar a essas novas possibilidades, mas também podem rejeitar fortemente. Ainda não é possível afirmar os futuros papéis das doutrinas religiosas. O que está de fato em curso é a viabilidade proporcionada pela tecnologia digital que pode impactar imensamente nossa relação com a morte e com os fundamentos religiosos fúnebres.

2. A MORTE, ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

A forma que lembramos os mortos possui um impacto profundo em nossas vidas. Se aquela pessoa que partiu foi importante para nós, as lembranças ligadas a ela geralmente serão rememoradas ao longo da vida. Essa prática de visitar as experiências passadas é um movimento bastante comum na trajetória do indivíduo. Essa ação pode nos ajudar a amadurecer como pessoas e principalmente nos proporcionar uma nova perspectiva de futuro.

É muito difícil não relacionar o nosso passado com nossas ações futuras. Como se fosse um laço inseparável, tudo que acontece no presente acaba virando passado em um certo momento e esse passado conseqüentemente possui um determinado peso nas nossas decisões futuras. Talvez a visão entre passado, presente e futuro esteja relacionada com nossa consciência e essa separação temporal pode ser estabelecida tendo em vista a própria organização da memória. Para Henri Bergson (2009), consciência significa memória. A partir desse pressuposto ele segue:

Uma consciência que nada conservasse de seu passado, que incessantemente esquecesse de si mesma, pereceria e renasceria a cada instante: como definir de outro modo a inconsciência? Quando Leibniz dizia que a matéria é “um espírito instantâneo”, não a estava declarando

(quisesse ele ou não) insensível? Portanto, toda consciência é memória — conservação e acumulação do passado no presente.²¹

Como provocar uma quebra temporal entre passado e presente? É uma grande pergunta que até pode possuir respostas, mas nenhuma definitiva. Quando um ente querido parte, é normal lembrarmos dele a partir da nossa observação em coisas materiais, por exemplo, que acabam nos transportando para certos momentos de convívio localizados no passado.²² Essas lembranças geralmente chegam carregadas de sentimentos, ainda mais quando lembramos de entes queridos que faleceram. Essa organização da memória é feita naturalmente. Quando rememoramos um acontecimento no passado, sabemos que ele aconteceu há algum tempo atrás. Contudo, muitas vezes não sabemos o quanto aquele acontecimento passado afeta nosso presente e quanto afetará nosso futuro. Romper esse laço é praticamente impossível, mesmo que tenhamos a nosso dispor essa divisão temporal quase que didática, a nossa memória conserva fatos e aprendizados a partir desses fatos que acabam nos moldando como pessoas ao longo do tempo.

A historiadora Régine Robin em sua definição sobre memória involuntária diz o seguinte: “O que constitui a memória involuntária não são as lembranças tais como elas foram vividas, registradas, mas o modo como elas são rememoradas”²³. A forma que lembramos nossos entes queridos possui grande impacto na forma que eles serão lembrados após o seu falecimento. Geralmente um filho é herdeiro das lembranças de seu pai e essas lembranças podem ecoar para gerações futuras. Essa definição de Régine Robin nos ajuda a analisar um pouco mais o caso de Na-Yeon, mas agora dando ênfase ao estudo da memória.

Os engenheiros de software da VIVE Studios não conheciam Na-Yeon. Eles não possuíam nenhum tipo de relação em vida com a pequena garota. O trabalho de recriação digital foi possível graças a vídeos e fotos de Na-Yeon em vida. É possível

²¹ BERGSON, Henri. **A Energia Espiritual**; tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. p.5

²² Essa ‘arte’ de colocar a memória em determinados ‘espaços’ ou ‘objetos’, é objeto de estudos no campo da memória há séculos. Mnemotécnica possui origens gregas, mas tem seu uso datado principalmente no século XIX.

MNEMOTÉCNICA. **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mnemot%C3%A9cnica&oldid=60571458>>. Acesso em: 4 mar. 2021.

²³ ROBIN, Régine. **A memória saturada**; tradução de Cristiane Dias e Greiciely Costa. Campinas, sp: Editora da Unicamp, 2016. p.375

que Jang Ji-Sung tenha participação efetiva no processo de recriação, porém isso não fica explícito no mini documentário e no seu respectivo making of.

Com isso, podemos trabalhar tendo em vista duas possibilidades. A primeira, e mais evidente, é a leitura que os engenheiros de software fizeram com base nos vídeos e fotos de Na-Yeon. O segundo é a possibilidade de Jang Ji-Sung, mãe de Na-yeon, possuir participação na totalidade do desenvolvimento do trabalho e não apenas em seu resultado final. No entanto, independente da hipótese de participação de ambos, o primeiro foco é que um dos pontos de partida em relação ao processo de recriação digital foi decretado com base em vídeos e fotos de Na-Yeon.

Régine Robin possui uma análise bastante interessante em relação a novas mídias e a memória:

No momento em que a América e a Europa Ocidental entraram massivamente na era de uma nova midiatização, pela transmissão à distância da voz (o gramofone) e da imagem, primeiramente imobilizada no instante (a fotografia), em seguida móvel e animada (o cinema), no momento em que a voz pode mesmo ser ouvida instantaneamente (telefone), e muito antes da era digital, o pensamento está obcecado pelo tipo de memória implicada nessas novas mídias em relação a uma “imagem de memória”, da qual é portador, ao menos, desde a idade média.²⁴

Essa relação entre mídias e memória é crucial para tentarmos entender o ponto principal que deu animação e ‘sentimentos’ ao holograma de Na-Yeon. Os engenheiros de software não possuíam vínculo em vida com a pequena garotinha, portanto, grande parte do que eles tinham de informação documental eram as mídias. A partir desse material, a equipe precisou estipular as características emocionais de Na-Yeon. Entretanto, os registros parecem mostrar, a partir do que é visualizado no making of do mini documentário, apenas momentos alegres como, por exemplo, os registros de aniversários de Na-Yeon. Isso pode acabar limitando os aspectos emocionais do holograma visto a impossibilidade de saber, com base nas mídias, como a garotinha se comportava em cenários que evocam diferentes sentimentos.

²⁴ ROBIN, Régine. **A memória saturada**; tradução de Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas, sp: Editora da Unicamp, 2016. p.371

Também é preciso levar em conta que talvez a VIVE Studios não precisasse muito mais do que os registros alegres da criança para desenvolver o holograma interativo. O reencontro entre mãe e filha durou apenas alguns minutos e não foi preciso dar complexidade às características emocionais de Na-Yeon. Foi feito apenas um recorte com a intenção de recriar a interação carregada de saudade entre mãe e filha. Portanto, trata-se de um processo de construção da memória com dimensões seletivas. Com isso, esse projeto acaba fazendo alusão ao processo humano de recuperação de determinada experiência e reelaboração enquanto memória.

Pode não parecer um problema, mas é, pois não sabemos ao certo o impacto psicológico gerado em Jang Ji-Sung como resultado dessa experiência. O que o mini documentário nos passa é que a mãe estava acreditando interagir com sua filha morta. Em meio a muito choro, Jang Ji-Sung falava a todo momento que sentia muita falta da filha. O que é mais bizarro é que o holograma de Na-Yeon dizia o mesmo. Ele demonstrava e falava que se encontrava bem. O grande problema é que quem estava ali interagindo com Jang Ji-Sung não era Na-Yeon. Nem sequer era uma pessoa. A mãe estava interagindo com um holograma que supostamente se comportava como sua falecida filha.

De acordo com a reflexão de Régine Robin:

A imagem de memória só conserva aquilo que faz sentido para o indivíduo, na lacuna, no pedaço, no fragmento, enquanto a foto dá a ver “ um emaranhado composto em parte por restos.” A imagem de memória está ligada ao seu conteúdo de verdade. A imagem “final” de um ser humano e sua história real. Ela se parece com um monograma, ao passo que, sob a fotografia de um ser humano, sua história se encontra como se estivesse enterrada embaixo de uma camada de neve.²⁵

Os engenheiros de software que se basearam nas mídias, incluindo fotos, para recriar a pequena garotinha, podem ter se deparado com uma “camada de neve” que os separava da verdadeira história e os sentimentos genuínos de Na-Yeon. É provável que a equipe da VIVE Studios tenha se deparado com a trama comumente relacionada ao ofício do historiador que é a impossibilidade de conhecer

²⁵ ROBIN, Régine. **A memória saturada**; tradução de Cristiane Dias e Greiciely Costa. Campinas, sp: Editora da Unicamp, 2016. p.373

pessoalmente a maioria dos indivíduos que pesquisamos. Contudo, em parte considerável, esse empecilho muitas vezes não possui um grande impacto negativo para o ofício do historiador, visto que é possível prever essas dificuldades e superá-las no processo de pesquisa. Mas o que estamos relatando aqui não é apenas um projeto de pesquisa histórica, é uma recriação digital de um humano. Isso carrega bem mais do que podemos alcançar em uma pesquisa. É a tentativa efetiva de recriar uma consciência a partir da Inteligência Artificial e, conseqüentemente, os sentimentos que nela estão. Dito isso, caso quiséssemos recriar digitalmente uma pessoa que viveu no século VIII a.c, iremos nos deparar com algumas dificuldades. Após o levantamento de fontes e todos os vestígios possíveis que nos remetem à pessoa pesquisada, o resto provavelmente ficaria a cargo da mera especulação, o que pode gerar um resultado muito longe do que de fato era real. Se trata de uma tentativa de trazer o passado para o presente tendo como ferramenta a tecnologia digital de ponta, entretanto, assim como o caso de Na-Yeon, por enquanto estamos contidos em meras representações que tentam ser o mais fiel possível a realidade, mas que ainda assim podem ser imprecisas.²⁶ Mesmo que Jang Ji-Sung tenha importante participação no processo de rememoração de Na-Yeon, os engenheiros de software poderiam ficar presos a lembranças de uma testemunha tomada pelo luto, o que pode ocasionar em uma visão distorcida.

Sendo assim, os engenheiros de software da VIVE Studios foram desafiados a refletirem sobre alguns processos que habitualmente são adversidades dos historiadores. O primeiro é estimar os aspectos de um indivíduo até então desconhecido para eles tendo como base fotos e vídeos. Portanto, eles possivelmente se depararam com uma “camada de neve” que limita o conhecimento sobre a história da pessoa estudada. O segundo, caso Jang Ji-Sung tenha contribuído na rememoração, é ficar refém de lembranças que podem ter sido ressignificadas e assim ficarem distante do que de fato era real. Tendo em vista essas implicações, é possível dizer que apenas o conhecimento técnico em

²⁶ É preciso visualizar a pesquisa histórica, nesse caso, como parte do processo e não como o todo. Existem muito mais coisas envolvidas em uma recriação digital de uma pessoa. A parte técnica da programação, a parte artística da interpretação de atrizes que dão movimentos ao hologramas, entre outros. Portanto, essa junção de diversas áreas podem tanto aproximar quanto afastar da verdadeira realidade referente às reais características daquela pessoa que está sendo recriada.

programação, realidade virtual, e afins, pode não ser o suficiente para desenvolver tamanho trabalho.

As análises que permitem estipular as possibilidades desse experimento, assim como seu impacto social, possuem o potencial proveito de diversas áreas do conhecimento. Se formos pensar considerando que ainda não se sabe o impacto psicológico que essa experiência de “recriação” digital exerce sobre nós, podemos analisar essa ação do ponto de vista ético, indicando assim, prováveis limites desse trabalho tecnológico frente a sociedade e sua relação com a perda. Isso envolveria questões jurídicas, filosóficas e psicológicas. Portanto, o tema sobre ética já remete a uma abordagem multidisciplinar necessária para abranger os diversos saberes que a tecnologia digital de ponta evoca. As indagações de caráter moral são importantes para orientação do que é provocado como resultado da ação tecnológica envolvendo pessoas falecidas, assim como as suas respectivas consequências sociais. Logo, não se trata apenas de uma atividade resumida à matemática. É necessário que áreas resididas nas Ciências Humanas, como História, ajudem a definir tanto os parâmetros técnicos dessa experiência digital, quanto às modificações sociais surgidas a partir dela.

Se formos propor um exemplo técnico que poderia contribuir para essa recriação digital, talvez o historiador Marc Bloch seja um profissional adequado para elucidar melhor nossa ideia. Sobre o ofício do historiador e a análise documental, Bloch ressalta o seguinte:

Muitas pessoas e mesmo, parece, certos autores de manuais fazem uma imagem surpreendentemente cândida da marcha de nosso trabalho. No princípio, diriam de bom grado, eram os documentos. O historiador os reúne, lê, empenha-se em avaliar sua autenticidade e veracidade. Depois do que, e somente depois, os põe para funcionar... Uma infelicidade apenas: nenhum historiador, jamais, procedeu assim. Mesmo quando, eventualmente, imagina fazê-lo.

Pois os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los.²⁷

²⁷ BLOCH, Marc. **Apologia da história:** ou Ofício de Historiador; tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002. p.78-79

Não sabemos de fato se o processo de desenvolvimento na recriação digital de Na-Yeon teve início fundamentado na técnica referida por Bloch de perguntar de forma eficaz aos documentos a fim de descobrir a realidade ou ao menos se aproximar dela. É possível que a equipe de engenheiros da VIVE Studios não tenha percebido que esse projeto não envolve apenas um amontoado de algoritmos e repercussão midiática. Contudo, isso não é passível de grande responsabilidade, pois trata-se de um projeto pioneiro. Qualquer discussão ou debate sobre o tema, pode estar em uma fase totalmente embrionária.

É preciso levar em conta também a participação midiática da MBC-Live. Talvez não fosse tão importante do ponto de vista dos telespectadores se depararem com um holograma de Na-Yeon que é sentimentalmente complexo. Os algoritmos poderiam entrar em conflito e poderíamos presenciar cenas grotescas proporcionadas por uma Inteligência Artificial fora de controle como no caso do projeto Tay, realizado pela Microsoft.²⁸ Esse fato traria a possibilidade da representação de Na-Yeon ser vista como vilã e conseqüentemente a verdadeira Na-Yeon ser interpretada como uma pessoa ruim, visto que, trata-se de uma recriação digital de um humano, sendo assim, a história da pessoa real está diretamente entrelaçada com sua representação digital.

Um dos pontos centrais é que podemos estar lidando com duas formas de criação e reprodução da memória. A primeira é o resultado que a VIVE Studios extraiu fundamentada nas mídias disponíveis de Na-Yeon em vida que possibilitaram a confecção do seu respectivo holograma. Nesse caso podemos nos referir ao holograma como o efeito da criação de uma memória genuinamente artificial. Tendo como característica a limitação não só sentimental, mas também a limitação da consciência. O holograma da pequena garotinha foi criado com o objetivo de atuar em alta performance em um espaço de tempo aproximadamente de 10 minutos, isso quer dizer que, seguindo os parâmetros básicos da lógica de programação ²⁹, é

²⁸ O projeto Tay foi um desenvolvimento de um perfil robô destinado para interação com jovens na rede social Twitter. A sua Inteligência Artificial, se baseava na capacidade de aprendizado de Tay conforme sua interação com perfis reais. O resultado foi desastroso e em menos de 24 horas Tay passou a ter um posicionamento preconceituoso em relação a diversos assuntos. Ver em I CONGRESSO INTERNACIONAL DE HUMANIDADES DIGITAIS, 2018, RIO DE JANEIRO. **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, AUTOMAÇÃO E SOCIEDADE: O EPISÓDIO “TAY” E A FUGA CIBERPOSITIVA** [...]. RIO DE JANEIRO: FGV/CPDOC, 2018. 27-34 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10438/25729>. Acessado em: 26 ago. 2020.

²⁹ A lógica de programação é essencial para desenvolvimento de sistemas e programas. Com ela é possível efetuar uma seqüência lógica para o desenvolvimento do trabalho a fim de atingir um

preciso estipular um possível cenário que o holograma irá se deparar. Nesse caso, o cenário foi baseado no sentimento de saudade pela perda por parte da mãe de Na-Yeon e o diálogo mais provável entre as duas. Caso a mãe sentisse raiva da filha por ela ter morrido e de alguma forma transparecesse tal sentimento, não se sabe, até então, qual seria a reação do holograma, visto que o material que os engenheiros tinham a sua disposição, pelo o que parece, são de momentos onde Na-Yeon se encontrava feliz e tranquila. Portanto, por mais que o experimento seja complexo e inovador, ainda podem existir limitações referentes à 'transferência' da consciência humana para uma representação digital.

A segunda possibilidade trata-se da lembrança que Jang Ji-Sung tinha de sua filha após a perda e o quanto isso influenciou os engenheiros de software da VIVE Studios. Uma memória afetada pela dor do luto pode se distanciar da realidade ou se aproximar dela. O testemunho tem suas limitações e é importante que os engenheiros de software da VIVE Studios possuam isso em mente, pois caso contrário, o resultado de um holograma de uma determinada pessoa tem grande potencial de ser diferente de quem era a pessoa de fato. Para entendermos melhor a função do testemunho e suas consequências, a análise de March Bloch pode nos ajudar:

(...) até nos testemunhos mais resolutamente voluntários, o que os textos nos dizem expressamente deixou hoje em dia de ser o objeto predileto de nossa atenção. Apegamo-nos geralmente com muito mais ardor ao que ele nos deixa entender, sem haver pretendido dizê-lo. Em Saint-Simon, o que descobrimos de mais instrutivo? Suas informações, frequentemente inventadas, sobre os acontecimentos do reino? Ou a espantosa luz que as Memórias nos lançam sobre a mentalidade de um grande senhor, na corte do Rei-Sol? Entre as vidas dos santos da alta Idade Média, pelo menos três quartos são incapazes de nos ensinar qualquer coisa de concreto sobre os piedosos personagens cujo destino pretendem [nos] retrair.³⁰

Sendo assim, tendo em vista a análise de Bloch, é possível olhar em uma outra direção, um tanto mais profunda, e a partir disso estudar e descobrir certos conteúdos referentes à mentalidade da época com base em testemunhos de

objetivo. Ver em MORAES, P.S. **Lógica de Programação**: curso básico de lógica de programação. [s.n.]. Campinas/SP: Unicamp-Centro de Computação, 2000

³⁰ BLOCH, Marc. **Apologia da história**: ou Ofício de Historiador; tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002. p.78

indivíduos, mesmo que esses testemunhos sejam, de certa forma, imprecisos. Deste modo, os testemunhos do caso Na-Yeon possuem o potencial de uma análise à parte, principalmente em um futuro recente, pois se trata de uma experiência com um impacto inicial considerável visto as possibilidades que são carregadas nela. Talvez sem se darem de conta, a VIVE Studios se torne um objeto de pesquisa que nos dará orientações sobre o presente.

Posto isso, para melhor entendimento podemos fazer uma analogia com a lupa, se aproximarmos esse objeto vemos uma série de potenciais conflitos na recriação digital de Na-Yeon. Um deles é justamente como os testemunhos da família da criança, caso levados em conta, ajudaram ou atrapalharam esse projeto e sua respectiva aproximação com a realidade. Tendo em base o relato de familiares do morto, é preciso considerar até que ponto a dor da perda pode impactar nossas lembranças e conseqüentemente interferir em um projeto de recriação digital. Ao afastarmos a lupa, vemos a possibilidade de tentar entender os passos iniciais de uma ação muito pertinente, e até em certos aspectos bizarra, que tem o objetivo de amenizar a dor da perda. Futuramente isso pode proporcionar um mapa que orientará as novas gerações sobre como lidamos com a morte na Era Digital e quais mudanças realizadas hoje impactarão o amanhã.

O estudo sobre as mentalidades de diferentes épocas proporciona uma orientação importante para o entendimento do presente trabalho. O caso de Na-Yeon envolve diversas perspectivas que possuem grande potencial de modificar estruturas tanto abstratas, como as religiões, quanto modificações em espaços físicos de grande importância para o estudo histórico, como os cemitérios, memoriais, estátuas, igrejas, entre outros. Frente às novas possibilidades digitais, podemos refletir sobre um cemitério que representa pessoas falecidas com hologramas. As cinzas de um corpo físico que geralmente são levadas com a família podem ser trocadas pelo holograma do ente querido. Os túmulos poderão ser ativados para que o “morto” apareça e conte sua história de vida. As fotos das lápides podem ser substituídas por vídeos interativos da pessoa falecida. São modificações que podem gerar um certo estranhamento, entretanto, elas não estão mais restritas aos filmes de ficção científica. Hoje em dia tudo indica que em um futuro muito próximo essas alterações fúnebres serão bem possíveis.

Philippe Ariès examina a arquitetura fúnebre de alguns espaços e nos fornece uma ideia da forma que diversos mortos foram representados através das artes mortuárias. Uma dessas investigações se concentra no olhar ao jazente:

Sobrevivente de um modelo escatológico abandonado, o jazente conserva surpreendente estabilidade de forma nas suas representações banais, se não populares, enquanto a grande arte funerária de uso aristocrático o ornamento com inúmeras variantes. Algumas vezes, é o retrato em pé de um cavaleiro de lança na mão, e outras – mais amiúde –, uma representação mais realista do morto: na Alemanha e na Inglaterra do século XIV, o jazente representa um homem de armas, morto em combate; os cavaleiros ingleses estão estendidos, os pés cruzados no chão pedregoso onde caíram; com uma das mãos tiram a espada da bainha, que seguram com a outra; estão ainda com olhos abertos.³¹

A ideia do jazente nos induz a pensar sobre a necessidade de representação do morto frente aos vivos. A análise do historiador sobre as questões da morte conseqüentemente nos convida a acessar espaços fúnebres como o cemitério. Esse acesso proporciona um estudo a respeito das diversas formas e expressões que tentam lembrar um pouco da trajetória de vida dos mortos. Esses espaços de recordações estão presentes em muitos lugares. O historiador Paolo Rossi, por exemplo, faz essa constatação ao afirmar que:

O mundo em que vivemos há muito tempo está cheio de lugares nos quais estão presentes imagens que têm a função de trazer alguma coisa à memória. Algumas dessas imagens, como acontece nos cemitérios, nos lembram pessoas que não mais existem.³²

Dessa forma, temos diversos lugares que constantemente nos fazem lembrar sobre pessoas e acontecimentos. O cemitério é um dos principais lugares que possui essa ação sobre a memória coletiva e individual.

O caso de Na-Yeon abre fortes precedentes para a modificação de espaços fúnebres. Uma vez que, assim como o jazente e as diversas imagens confeccionadas a partir das artes fúnebres, a pequena garotinha possui sua

³¹ ARIÈS, Philippe. **O Homem Diante da Morte**; tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.323

³² ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias; tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.23

representação pós-morte. Neste caso, foi uma representação com o uso da tecnologia de ponta e ainda bastante recente em nossos tempos. No entanto, esse trabalho possui um grande potencial de se popularizar diante o grande público devido ao seu alto grau de interatividade. Com isso, existe uma boa possibilidade que o cemitério passe por algumas alterações fundamentadas no impulso da Inteligência Artificial. As imagens dos mortos podem ganhar movimentos e sofisticação comunicativa. Essa ação, caso confirmada futuramente, trará grandes transformações sociais, incluindo novas alternativas no ofício do historiador e a pesquisa histórica já que, a partir das possibilidades trazidas pelo caso Na-Yeon, será possível interagir com hologramas de pessoas que não estão mais entre nós.

Por isso será de grande importância o historiador ficar atento a essas mudanças que envolvem as transições tecnológicas e seus respectivos ambientes de atuação. A forma que iremos lembrar dos mortos daqui em diante pode ter um importante impacto na forma que iremos representá-los futuramente.

O ato de representarmos os mortos a partir de homenagens, como por exemplo, dando-lhes nomes de ruas ou confeccionando uma arte funerária para lembrança, não é nenhuma novidade. Entretanto, levando em conta o caso de Na-Yeon, temos a possibilidade de recriar uma pessoa digitalmente. Isso poderá levar, pelo menos no primeiro momento, uma falta de questionamento sobre quem era aquela pessoa de fato, pois é possível acreditar que, devido ao grau de realismo da experiência, estamos lidando com a verdadeira pessoa e sua respectiva história. A falta de questionamento pode afetar a visão social em relação à vida daquela pessoa que está sendo representada com a ajuda da Inteligência Artificial. O historiador tem a possibilidade de escapar dessa armadilha fazendo as perguntas certas aos hologramas como normalmente se fazem aos documentos históricos. A partir disso, esse profissional poderá contribuir para o entendimento histórico em relação aos agentes recriados digitalmente, afastando uma possível concepção de um imaginário social referente a determinadas figuras:

A história e a memória coletiva podem ser pensadas como as duas pontas de uma antinomia: em que os avanços da historiografia fazem continuamente retroceder o passado imaginário que foi construído pela memória coletiva.³³

³³ Rossi, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias; tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.28

Essa colocação de Rossi é importante para refletirmos os efeitos da criação de um imaginário social. Essa criação está presente desde os primórdios da humanidade e portanto possui repercussão na nossa história. Consequentemente, o imaginário social pode atingir o processo da recriação digital de figuras históricas, interferindo diretamente na forma que a sociedade enxerga tal agente. Entretanto, os impactos dessa experiência digital em relação à memória não são conclusivos, pois essa possibilidade tecnológica de recriação digital não está popularizada. Ainda é uma experiência socialmente restrita. Mas tendo em vista a experiência envolvendo Na-Yeon e Jang Ji-Sung, em uma primeira análise, a percepção passada é que se trata de algo com bastante apelo emocional que pode acarretar na impossibilidade de distinção sobre o que é de fato real e o que é ficção. Isso poderá gerar problemas de difícil resolução no futuro recente, o que pode afetar as questões que giram no âmbito do luto. Trata-se de uma possível fonte de lembrança inesgotável em que a ‘presença física’ e animada³⁴ do morto sempre se encontrará disponível.

Esse fenômeno da disponibilização incessante da ‘presença digital’ do ente querido levanta um outro ponto, a impossibilidade de esquecer certos aspectos que podem trazer dor e sofrimento. Com essa nova possibilidade de recriação digital, a perecibilidade natural do corpo humano é, em certa medida, resolvida pela criação de hologramas que imitam pessoas que já viveram entre nós. Com isso, a disponibilidade envolvida nessa ação pode ser ilimitada, pois é possível ajustar as configurações do holograma como desejar. Trata-se de um controle que não temos em humanos, mas podemos ter em suas respectivas cópias. Sendo assim, é viável estabelecer que uma recriação digital atue apenas para determinada situação relacionada ao que os seus criadores ou encomendadores querem. No âmbito do luto, provavelmente essa atuação dos hologramas terá como objetivo o consolo a partir da interação entre vivos e réplicas digitais. O que deverá influenciar diretamente a maneira que lidamos com a morte e o luto.

Desta forma, a ação que disponibiliza hologramas de pessoas mortas para interação em qualquer momento está partindo de um pressuposto que não é necessariamente ruim, mas é encarado como se fosse. Trata-se do esquecimento, algo totalmente natural na nossa trajetória humana.

³⁴ Aqui refere-se a objeto ou indivíduo que possui movimentos.

Para Régine Robin existe uma fantasia de tudo conservar, principalmente impulsionada pela tecnologia digital:

Desde os tempos mais remotos da antiguidade, procuramos melhorar as técnicas de memória. As artes da memória são apenas uma dentre essas técnicas. Hoje, uma nova utopia se instalou; trata-se da utopia do armazenamento de tudo, sem perda, sem resíduo, utopia que as novas tecnologias tornam “pensável” na falta de “possível”.³⁵

A partir do caso de Na-Yeon, temos a possibilidade de uma técnica sofisticada de recordação, pois se trata de uma transferência de consciência em que o sujeito ali representado possui a habilidade, em tese, de fornecer um testemunho ‘pessoal’ de sua época a partir da interação com pessoas reais. Tendo em vista também que não é preciso se preocupar demasiadamente com a durabilidade daquela fonte, pois uma vez armazenada digitalmente, é possível que essa representação fique disponível para sempre.³⁶

O filósofo Harald Weinrich analisa a origem da palavra *olvido* (esquecimento em espanhol), e a partir disso nos relata algo interessante:

De la forma verbal del latín vulgar *oblitare depende una gran parte de la familia de palabras románica del olvido. En lengua española ha surgido de ahí, con una metátesis bl/lv, el verbo “olvidar”, que ha reunido en torno a sí una familia entera de palabras: “olvido”, “olvidanza”, “olvidoso”, “olvidadizo”, “olvidadero”, “(in)olvidable”. El verbo “olvidar” se emplea con frecuencia también como reflexivo (“me he olvidado”). También se usan mucho expresiones perifrásticas como “caer/poner en olvido”, “dar, echar, entregar al olvido”. Fray Luis de León escribe, en un verso de fuerte carga metafórica: “el alma que en olvido está sumida”, y en otro: “en sueño y en olvido sepultado”. La semántica del olvido obtiene apoyo suplementario en

³⁵ ROBIN, Régine. **A memória saturada**; tradução de Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas, sp: Editora da Unicamp, 2016. p.425

³⁶ O armazenamento em nuvem é um bom exemplo para evidenciar a possibilidade que determinados dados fiquem disponíveis para sempre. O armazenamento em nuvem substitui a necessidade de salvar documentos, arquivos ou programas em um HD físico do computador. Assim, os documentos salvos não correm risco de serem perdidos caso o HD ou o computador estrague. Tudo que é salvo na nuvem é feito via web e fica armazenado em servidores que podem estar fora do país. Esse armazenamento é indicado pelo seu nível de segurança e durabilidade, visto que uma vez na nuvem é praticamente improvável que seu arquivo seja perdido por um problema de hardware ou software local do próprio computador de uso. Ver em COSTA, Matheus Bigogno. O que é armazenamento em nuvem e como funciona. **CanalTech**, 2020. Disponível em:<<https://canaltech.com.br/internet/armazenamento-em-nuvem-o-que-e/>> Acessado em 04 de nov. 2021

combinaciones negativas con “memoria”, por ejemplo: “desmemoria”, “desmemoriarse”, “desmemorado” y “desmemoriado”.³⁷

Nesse caso podemos ver uma relação entre *olvido* e palavras de cunho negativo como *desmemorado*.³⁸ Portanto, é uma clara alusão ao fato do esquecimento ser visto como algo ruim tendo em vista a análise sobre a origem da palavra.

É plausível dizer que uma pessoa que se esquece de certas coisas pode ser apontada até mesmo como alguém com a capacidade cognitiva menor em comparação com aquela que supostamente lembra de tudo. Isso está totalmente relacionado com nossa ânsia de armazenamento de lembranças, mesmo que sejam nocivas para o indivíduo ou tenha pouca importância em um contexto geral.

Porém, cabe salientar que essa conotação negativa que envolve o esquecimento, não pode levar uma ênfase em demasiado. É possível afirmar que o ato de esquecer tem seus benefícios, além de se tratar de algo perfeitamente natural:

À primeira vista, parece pouco claro por que Deus criou o esquecimento. Mas o significado é este: se não existisse o esquecimento, o homem pensaria continuamente na própria morte, não construiria casas nem tomaria iniciativas. Por isso Deus colocou o esquecimento nos homens. Por isso um anjo fica encarregado de ensinar a criança a não se esquecer de nada e outro lhe bate na boca para que se esqueça do que aprendeu.³⁹

Seguindo a lógica da constatação do teólogo Martin Buber, o esquecimento é um instrumento importante que permite que as sociedades se desenvolvam, pois sem ele, como foi posto, o pensamento que um dia todos irão morrer seria

³⁷ Uma grande parte da palavra românica família do esquecimento depende da forma verbal do latim vulgar * oblitare. Em espanhol o verbo “esquecer” surgiu daí, com uma metátese bl / lv, que reuniu em torno de si toda uma família de palavras: “esquecimento”, “esquecimento”, “esquecido”, “esquecido”, “esquecido”, “(in) esquecível”. O verbo “esquecer” também é freqüentemente usado como um reflexo (“esqueci”). Expressões periféricas como “cair / cair no esquecimento”, “dar, jogar, entregar ao esquecimento” também são amplamente utilizadas. Frei Luis de León escreve, em um verso com forte carga metafórica: “a alma que está enterrada no esquecimento”, e em outro: “em um sonho e no esquecimento enterrado”. A semântica do esquecimento obtém suporte adicional em combinações negativas com “memória”, por exemplo: “esquecimento”, “esquecimento”, “esquecimento” e “esquecimento”. WEINRICH, Harald. **Leteo: Arte y crítica del olvido**; traduzido por Carlos Fortea. ed.1. Madrid. Siruela, 1999. p.2.

³⁸ Pessoa que não possui memória ou possui memória fraca.

³⁹ BUBER, Martin apud ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias; tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.p.38

predominante e incessante, logo não haveria motivos para construir algo que tenha duração maior que a própria vida.

A criação de hologramas de pessoas que já morreram e sua disponibilização com os mais variados fins, possui, em tese, uma durabilidade incalculável, para não dizer infinita. Portanto, possivelmente essa construção parte do pressuposto consciente que esse legado, digamos assim, ficará impresso e disponível para as gerações futuras. É o caso de um museu nos Estados Unidos que disponibiliza relatos de sobreviventes do holocausto a partir do uso de hologramas.⁴⁰ Esses hologramas provavelmente ficarão servindo o conhecimento de futuras gerações, mesmo após a morte desse depoente. Trata-se de um relato pessoal com imagem e som que já era possível ser registrado a partir de documentários, entretanto, agora é permitido uma interação. Podemos fazer perguntas ao holograma de uma pessoa a respeito da sua experiência diante a um grande acontecimento histórico em que ela foi contemporânea. Nesse caso, o ambiente que permite o esquecimento é deixado de lado e a constância praticamente interminável da lembrança de eventos traumáticos é revivida ao gosto de quem quiser visitar esses espaços.

Esse acontecimento parte da obsessão de guardar e lembrar de tudo. Ao relacionar essa questão de armazenamento com o processo de perda em decorrência da morte, é possível enxergar uma associação com a ideia de imortalidade e a sua respectiva impossibilidade de esquecimento. É uma tentativa de enfrentamento às consequências geradas pela morte até então impraticável, mas que a tecnologia digital vem oferecendo alternativas cada vez mais sofisticadas.

As tecnologias digitais trouxeram uma possibilidade de armazenamento não físico que acaba ampliando as alternativas quantitativas. Hoje em dia é possível registrar e armazenar uma quantidade imensa de dados, os próprio Big Data ⁴¹ provam isso. Contudo, essa obsessão em guardar para lembrar pode obter um resultado contrário, invocando cada vez mais o esquecimento. Paolo Rossi faz uma reflexão interessante sobre a arte da memória e seu desaparecimento:

⁴⁰ FRANCE PRESSE. Museu dos EUA inaugura mostra de hologramas de sobreviventes do Holocausto. **G1**, 2017. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/museu-dos-eua-inaugura-mostra-de-hologramas-de-sobreviventes-do-holocausto.ghtml>> Acessado em 04 de nov. 2021

⁴¹ Big Data é referido a prática de extrair um grande volume de dados, assim como dar significado a esses dados, desenvolvendo medidas de ações e estratégias. Big Data: O que é, Para que Serve, Como Aplicar e Exemplos. **Universidade de Caxias do Sul**, 2020. Disponível em <<https://ead.uces.br/blog/big-data>> Acessado em 04 de nov. 2021

Uma das razões de seu desaparecimento se encontra também no fato de que a estima ou consideração pela memória declinou pouco a pouco. Em boa parte por razões objetivas: rubricas, horários, fichários, guias, dicionários, enciclopédias em ordem alfabética, manuais de todo gênero, excessos de papel e, mais tarde, bancos de dados, computadores, conexões entre computadores e bancos de dados tornaram supérflua e inútil a arte da memória.⁴²

A questão é que a partir do momento em que terceirizamos a atividade da nossa memória a objetos automatizados, o ato de lembrar se torna cada vez mais supérfluo, pois sempre haverá um computador com um programa que nos ajudará a lembrar o que precisamos. No caso do uso da Inteligência Artificial temos casos bem mais complicados, pois se trata da simulação da capacidade cognitiva humana. A substituição digital em parte de uma pessoa falecida, provoca esse movimento momentânea de substituição cognitiva. Temos à nossa disposição uma série de utilidades para esses recursos tecnológicos. Um deles é justamente o trabalho que o museu nos Estados Unidos faz com hologramas de sobreviventes do holocausto. Não se sabe até que ponto isso é saudável tanto para memória coletiva quanto a individual. Depende muito do quanto, como e para quê essas possibilidades digitais serão construídas futuramente. Ainda não está claro o bastante as possíveis consequências que a Inteligência Artificial, Realidade Aumentada, interação com hologramas de pessoas falecidas e toda a automação contida nesses processos está provocando em nossa memória. É possível estipular algumas modificações pertinentes como mudanças no âmbito do trabalho, por exemplo. Os engenheiros de softwares ao se comprometerem a recriar uma pessoa digitalmente, necessitarão de um conhecimento que foge da análise fria da lógica da programação. Trata-se de um trabalho que convida para uma reflexão social, visto as possibilidades que essas experiências digitais nos trazem. As consequências desses trabalhos diante a sociedade ainda é inicial, entretanto, o seu impacto emocional é bastante evidente.

A relação entre o historiador e essas novidades tecnológicas pode estar presente no resultado que ela exerce socialmente e isso vai desde as modificações dos espaços de pesquisa até o efeito que ela exerce na memória e o esquecimento. Por um lado, a recriação digital de Na-Yeon envolve uma lembrança constante que

⁴² ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias; tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.66

não poderá adormecer caso seja optado que todos os dados colhidos mediante a experiência digital sejam destinados a Jang Ji-Sung. Por outro lado, existe uma linha tênue sobre o que de fato é real e o que é simulação. Isso pode ocasionar em um esquecimento por parte da mãe de Na-Yeon em relação a quem era de fato essa criança. Deixando-a confusa sobre quem era Na-Yeon e o que é o holograma. Isso acaba dependendo do grau de realismo da experiência digital e como a pessoa falecida será representada em seu holograma. Isso nos remete a algumas perguntas ainda não respondidas. Como lidar com essa ideia de “recriação” frente ao tempo visto que a representação da pessoa falecida não envelhecerá no primeiro momento? Qual o limite da representação digital? Existe licença poética nesse meio e portanto uma ideia da possibilidade de criação de uma personalidade incompatível com a verdadeira pessoa? Como serão representados digitalmente agentes políticos e personalidades influentes de épocas passadas?

Se pensarmos na possibilidade de recriação digital de um ditador que é rotulado como herói a partir de seu holograma, podemos estimar algumas consequências. Essa ação pode cair no imaginário social e criar nuances de uma história não condizente com a realidade que influenciará o pensamento das gerações futuras. Já que ninguém quer ser lembrado como vilão da história, isso pode gerar esquecimento de quem foi aquela pessoa de fato. Sem a investigação histórica dentro desse ambiente digital, o holograma de pessoas acaba proporcionando um grande leque de testemunhos pessoais, mas com pouco contexto histórico.

Outro efeito interessante e que já está sendo debatido é sobre a herança digital e a quem ela pertence. No caso de Na-Yeon, quem é detentor dos dados que dão consciência ao holograma da criança? A família, a VIVE Studios ou a MBC-Live? Trata-se de uma discussão bastante difícil que envolve o âmbito público e privado, além das questões éticas. Se de alguma forma a mãe de Na-Yeon resolver que os dados da sua filha precisam ser deletados, isso será atendido pela VIVE Studios? Talvez as leis referentes às questões digitais não estejam maduras o suficiente para tratar casos tão específicos quanto esse. O que temos conhecimento até o momento é que existe um projeto de lei em debate no Brasil, PL 1689/2021,⁴³

⁴³ Projeto fixa regras para perfis em redes sociais de pessoas falecidas. **Câmara dos Deputados**, 2021. Disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/788304-projeto-fixa-regras-para-perfis-em-redes-sociais-de-pessoas-falecidas/>> Acessado em 05 de nov. 2021

que trata sobre a herança de perfis nas mídias sociais de pessoas falecidas. Nesse caso, é possível que um herdeiro legal fique responsável, mediante a apresentação de atestado de óbito, pelo acesso ao perfil da pessoa falecida. Esse herdeiro pode fazer alterações no perfil da pessoa e também transformá-lo em um memorial. Caso não haja herdeiros, fica sob responsabilidade da plataforma digital excluir o perfil da pessoa falecida.

Esse projeto de lei tenta tratar de um fenômeno ainda recente, mas que já faz parte da vida da grande maioria da população. A morte e suas implicações estão cada vez mais entrando no ambiente digital. A possibilidade de transformar um perfil social virtual em memorial, já mostra uma possibilidade de modificação por meio digital das diversas manifestações referentes a perda. É um passo pequeno que já faz parte do processo do luto e das lembranças deixadas por quem partiu.

Com certeza estamos lidando com algo que possui grande efeito em nossa memória em relação à morte e na construção de memórias de pessoas que não estão mais vivas. A análise é inicial e está longe de ser concluída em definitivo. No entanto, existem possíveis mudanças que possuem um grande potencial em abalar estruturas seculares. Nos resta refletir sobre essas mudanças que já se encontram em curso.

3. Considerações finais

O presente trabalho tentou estipular possíveis modificações no pensamento humano a respeito da morte. Para isso, apresentamos o trabalho de recriação digital de Na-Yeon, realizado pela VIVE Studios em parceria com a MCB- Live. É uma análise que possui empecilhos ao estabelecer prováveis mudanças no ambiente social, pois é algo bastante recente, até mesmo para nossa época.

O que podemos perceber a partir dessa pesquisa é que existem possibilidades concretas de o papel da tecnologia digital atingir as ações geralmente destinadas às religiões. Isso é perceptível a partir do momento que visualizamos a característica consoladora que a Inteligência Artificial proporciona juntamente com sua interação realista. Ainda não é certo afirmar que de fato a religião será substituída pela tecnologia nos assuntos sobre a morte e nossa relação com ela, entretanto, foi pactuado uma alternativa com grande potencial. Trata-se de uma experiência até então única em que podemos se comunicar com simulações bastante convincentes de pessoas mortas. Algo que supostamente é possível em religiões como o Espiritismo, no entanto, possuímos uma dificuldade comunicativa pela nossa provável falta de clarividência ou falta de exatidão impulsionada pela dúvida da vida pós-morte. A diferença entre os dois métodos, um ocasionado pela tecnologia e outro pela religião, é que a primeira parte de um cenário concreto em que qualquer pessoa com os equipamentos corretos pode se comunicar com uma réplica digital de seu ente querido, e a segunda parte do pressuposto da possibilidade de se comunicar diretamente com um ente falecido mesmo após sua morte. No segundo caso, é alegado que a pessoa ainda está viva, mas em outro estado que não é visível para quem ainda está encarnado, pelo menos pela grande maioria.

O impacto dessa proposta digital pode atingir diversas áreas, incluindo a memória relacionada à morte de alguém querido e o respectivo processo de luto. Através de Philippe Ariès (2013) vimos que houve alterações na mentalidade de determinadas épocas a respeito da morte e suas implicações, portanto, é possível cogitar que estamos presenciando uma mudança com um alto grau de abalo que terá influência direta na forma que enxergamos a morte e lidamos com o luto. Isso inclui nossa percepção individual e coletiva, assim como nossa memória e as religiões.

Nossa memória pode sofrer mudanças significativas caso a tecnologia digital que fez Na-Yeon 'renascer' seja proliferada popularmente em rituais fúnebres. É possível que haja uma mudança tanto na mentalidade, quanto nos espaços públicos destinados ao enterro de pessoas. Essas mudanças físicas não são novidades históricas. Como demonstra Philippe Ariès (2013), houve mudanças no passado que trouxeram diversas manifestações representativas de falecidos nos seus respectivos túmulos. Com isso, a manifestação representativa digital pode ser um passo a mais nesse desenvolvimento, estando posto diversas formas de lembranças em relação àquele que se foi.

A reconstrução da memória de uma pessoa falecida provavelmente precisa passar por diversas áreas. Tanto na pesquisa de registros, quanto nos testemunhos de parentes. Neste caso, chamamos a atenção para aplicação de diversas áreas do conhecimento que visam aperfeiçoar essa experiência. Os comandos básicos de interação ditados através da linguagem da programação, não possuem força suficiente para dar determinados níveis de realidade para a reconstituição digital. Não se trata de um robô interativo. O que temos no caso é a representação digital de uma pessoa que já viveu entre nós. Portanto, as características são muito mais complexas, o que envolve sentimentos e lembranças.

Essa experiência proposta a partir do uso da Inteligência Artificial também tem como ponto principal a permanência incessante do ente falecido ou pelo menos de sua consciência. No caso de Na-Yeon, essa reprodução digital foi feita mediante a autorização expressa da família. Contudo, se pensarmos em um maior alcance dessa experiência chegando a um ambiente largamente popular, essa presença digital com duração praticamente ilimitada poderá ser objeto de conflito entre familiares da pessoa falecida. A perda e o luto não são sentidos de forma uniforme entre todos. Podemos estimar uma certa frequência de sentimentos característico de determinada época, mas sempre tendo em mente que não chega a se tratar de uma regra. Na medida que algumas pessoas querem lembrar, pois as lembranças relacionadas trazem bem-estar, outras pessoas podem desejar que essas lembranças sejam esquecidas, pois elas trazem muito sofrimento.

A forma que essa pessoa é lembrada e representada, pode ter interferência direta nas questões que envolvem a memória e o luto. Como foi dito, é cabível acreditar que ninguém quer ser lembrado como vilão. Ninguém quer ser lembrado pelos seus defeitos. Desta forma, é possível que o holograma representativo de

certa pessoa ganhe características que não condizem com a realidade. Isso vale para o cidadão de diversos âmbitos.

O historiador possui sua função sobre essas questões aqui colocadas. Podemos estar tratando de uma nova perspectiva de futuro, sendo assim, uma nova perspectiva de sociedade. A morte ironicamente faz parte da vida. Ela é inevitável e praticamente todos em algum momento irão se deparar com a perda de alguém querido. É um acontecimento que gera certos fenômenos sociais geralmente analisados por sociólogos, antropólogos e psicanalistas. Ainda assim, é necessário olhar para o passado e tentar compreender os efeitos e formas que nossos ancestrais encaravam a morte. Com essa análise temporal, é possível estimar quais são os próximos passos e quais as próximas ferramentas de manifestações que serão usuais na nossa relação com a perda e o luto.

REFERÊNCIAS

I CONGRESSO INTERNACIONAL DE HUMANIDADES DIGITAIS, 2018, RIO DE JANEIRO. **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, AUTOMAÇÃO E SOCIEDADE: O EPISÓDIO “TAY” E A FUGA CIBERPOSITIVA** [...]. RIO DE JANEIRO: FGV/CPDOC, 2018. 27-34 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10438/25729>. Acesso em: 26 ago. 2020

ARIÈS, Philippe. **O Homem Diante da Morte**; tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2013

BE RIGHT BACK (2 temp. 1 ep.). **Black Mirror**. Direção:Owen Harris. Intérpretes: Hayley Atwell;Domhnall Gleeson;Indira Ainger;et al. Escritor:Charlie Brooker. Reino Unido: EndemolShine UK, 2013. Disponível em <www.netflix.com> Acessado em 22 de abril de 2020

BERGSON, Henri. **A Energia Espiritual**; tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009

BÍBLIA, N. T. Provérbios. In BÍBLIA. Português. **Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008

BLACK MIRROR. Direção:Joe Wright. Produção: Russell Mclean. Reino Unido: EndemolShine UK, 2011. Disponível em <www.netflix.com> Acessado em 22 de abril de 2020

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou Ofício de Historiador**; tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

Facebook lança novo feed de notícias, com filtros de conteúdo e mais generoso com celulares. **O Globo**, 2013. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/economia/facebook-lanca-novo-feed-de-noticias-com-filtros-de-conteudo-mais-generoso-com-celulares-7773199>> Acesso em 10 de nov. de 2021

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987

FRANCE PRESSE. Museu dos EUA inaugura mostra de hologramas de sobreviventes do Holocausto. **G1**, 2017. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/museu-dos-eua-inaugura-mostra-de-hologramas-de-sobreviventes-do-holocausto.ghtml>> Acessado em 04 de nov. 2021

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro, 2010: Imago, 1917 [1915]/1974

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**: princípios da Doutrina Espírita. Trad. de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005

Mãe 'encontra' filha morta com a ajuda de realidade virtual em programa de TV. **G1**. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/02/19/mae-encontra-filha-morta-com-a-ajuda-de-realidade-virtual-em-programa-de-tv.ghtml> Acesso em 25 de outubro de 2021

Mãe 'encontra' filha morta com ajuda de realidade virtual em programa de TV. **BBC News Brasil** Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51551583> Acesso em 25 de outubro de 2021

Mãe revê filha morta recriada por realidade virtual. **TecMundo**. Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/ciencia/150207-mae-reve-filha-morta-recriada-realidade-virtual.htm> Acesso em 25 de outubro de 2021

MBC. **Home Page**. South Korea, 1996. Disponível em <http://onair.imbc.com> Acesso em 10 de nov. de 2021

MBC LIVE. **VR Human Documentary**: Mother meets her deceased daughter through VR technology. Youtube, publicado em 06 fev. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ufITK8c4w0c&t=116s>.

MNEMOTÉCNICA. **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mnemot%C3%A9cnica&oldid=60571458>. Acesso em: 4 mar. 2021

MOMENTO ESPIRITUAL. **Psicografia linda! Vou comparecer na festa mesmo que não me vejamos**. Youtube, 1 de dezembro de 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WFqmg0Ufifk> Acesso em 25 de out de 2021.

MORAES, P.S. **Lógica de Programação**: curso básico de lógica de programação. [s.n.]. Campinas/SP: Unicamp-Centro de Computação, 2000

Projeto fixa regras para perfis em redes sociais de pessoas falecidas. **Câmara dos Deputados**, 2021. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/788304-projeto-fixa-regras-para-perfis-em-redes-sociais-de-pessoas-falecidas/> Acessado em 05 de nov. 2021

ROBIN, Régine. **A memória saturada**; tradução de Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas, sp: Editora da Unicamp, 2016

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias; tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010

SIMONI, Michelangelo. **Pietà**. 1499. Escultura em Mármore. 1,74m x 1,95m. Fonte <<https://fotospublicas.com/pieta-de-michelangelo-um-legado-imensuravel-que-reside-na-basilica-de-sao-pedro-vaticano/>> Acesso em 10 nov. 2021

Universidade de Caxias do Sul, 2020. Disponível em <<https://ead.ucs.br/blog/big-data>> Acessado em 04 de nov. 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **Nota de pesar pela morte do estudante Felipe Chades**. 2015. Disponível em <<https://ufop.br/noticias/nota-de-pesar-pela-morte-do-estudante-felipe-chades>> Acesso em 25 de out de 2021

VIVE DEVELOPERS . **Home Page**. South Korea, 2011. Disponível em <<https://developer.vive.com/kr/>> Acesso em 25 de outubro de 2021.

VIVESTUDIOS. **"I MET You" "Meeting You" Behind Story**. Youtube, 12 de mar. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lgXXGr9O-g8&ab_channel=VIVESTUDIOS>. Acesso 15 de outubro de 2021